

MATERIAIS DIDÁTICOS POÉTICOS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

POETIC DIDACTIC MATERIALS IN TEACHING OF VISUAL ARTS

Andrea Hofstaetter / UFRGS

RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação sobre a criação de materiais didáticos para o Ensino de Artes Visuais na Educação Básica, entendendo-se a ação pedagógica nesse campo como ação poética. A partir dos conceitos de objeto propositor e objetos de aprendizagem poéticos, são traçados paralelos entre proposições artísticas e o trabalho do professor de Artes Visuais. Pretende-se repensar a criação de objetos propositores para o Ensino de Artes Visuais, na perspectiva de que os materiais a serem utilizados em situações de aprendizagem podem ser concebidos e experimentados como proposições poéticas, aproximando-se daquilo que é vivenciado no contato com obras propostas por artistas visuais. Os principais autores referenciais nessa abordagem são: Miriam Celeste Martins, Mônica Oliveira e Tatiana Fernández.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de artes visuais; material didático poético; objetos propositores; experiências de aprendizagem.

ABSTRACT

This article presents an investigation into the creation of didactic materials for the teaching of Visual Arts in Basic Education, being the pedagogical action in this field understood as a poetic action. From the concepts of the proposer object and poetic learning objects, parallels are drawn between artistic propositions and the work done by the Visual Arts teacher. The aim is to rethink the creation of proposer objects for the teaching of Visual Arts with the perspective that the materials to be used in learning situations can be designed and experimented as poetic propositions. By doing so, the proximity of what is experienced in the contact with proposed works by visual artists will be promoted. The main referential authors in this approach are: Miriam Celeste Martin, Mônica Oliveira and Tatiana Fernández.

KEYWORDS: *teaching of Visual Arts; poetic didactic material; proposer objects; learning experiences.*

Introdução

Esta comunicação apresenta algumas das principais questões do projeto de pesquisa intitulado A criação de materiais didáticos como ato poético, a partir da proposição de estabelecer relações entre a produção poética em artes visuais e a produção de materiais didáticos, já que visa investigar possibilidades de criação poética de objetos de aprendizagem e materiais educativos para utilização no Ensino de Artes Visuais, na Educação Básica.

Tem-se em vista a intervenção poética sobre a construção de conhecimentos em artes visuais, pretendendo-se a proposição de modos diversos de aprender. Dessa forma, a pesquisa é também uma reflexão mais ampla sobre aprendizagem em arte, intermediada pela utilização de recursos didáticos poéticos.

Esta pesquisa visa apontar possibilidades para a inserção de novos recursos pedagógicos no contexto escolar ou em outros espaços educativos, focando a ação do professor/propositor/pesquisador e a produção de situações de aprendizagem que possibilitem uma vivência aproximada àquilo que pode ser produzido em contato com obras artísticas que propõem participação e ação do público.

Em outras palavras, pretende-se que a concepção e a produção de objetos de aprendizagem ou material didático para Artes Visuais se abram à dimensão poética, levando a experiências de aprendizagem singulares e significativas – ou mesmo pensadas como experiências artísticas de aprendizagem, já que situadas em terreno poético e tendo como objeto de estudo a produção artística.

Espera-se contribuir com o campo de produção de materiais para proposições de aprendizagem em nossa área, entendendo-se que uma das funções do educador é produzir objetos propositores, desencadeadores de processos de criação e pensamento singulares com os estudantes dos diversos níveis da educação.

Tendo em vista a ideia de professor propositor, entende-se que o trabalho docente em Artes Visuais é também produção artística. É necessário incluir a dimensão poética nas propostas de aprendizagem, bem como nos materiais que delas farão parte, entendidos não só como elementos de mediação, mas também como propulsores de experiências estéticas e artísticas. Reivindicamos uma atuação

poética nas aulas de Artes Visuais. E, para isso, algumas proposições artísticas contemporâneas e modernas não dão o impulso e a ancoragem.

De que materiais didáticos estamos falando?

Quando se fala em material didático é comum ouvir definições muito abrangentes, como: material didático é qualquer material de sirva de apoio para a aprendizagem. Vários autores já estudados, do campo da educação e da educação em artes visuais, tratam do tema com um olhar bem alargado, a partir do qual qualquer objeto ou material poderá se tornar um material didático quando a intenção do educador nisso o transformar. Dizem que material didático, de maneira geral, é “qualquer coisa que ajude para facilitar a aprendizagem” de algum conhecimento (TOMLINSON, 2004, apud VILAÇA, 2009, p.4). Ou: “qualquer coisa empregada por professores e alunos para facilitar a aprendizagem” (SALAS, 2004, apud VILAÇA, 2009, p.5).

Concordamos com essa visão. Porém, o conceito de material didático com o qual estamos trabalhando restringe-se a certo tipo de material, especialmente elaborado por professores ou educadores, com o intuito de participar de uma situação de aprendizagem que envolva os sujeitos, que possibilite uma vivência, a experimentação de determinados conhecimentos, de forma lúdica, participativa, ativa.

Interessam-nos, em nossa abordagem e propostas, outros conceitos que se agregam ao que entendemos como material didático e que ampliam as suas possibilidades. Pretendemos ir além da apropriação de objetos ou artefatos quaisquer, para uma forma de atuação autoral e poética do professor ou educador, que, conhecendo seus contextos de atuação e os sujeitos envolvidos, bem como o campo de conhecimento a ser trabalhado, saberá criar materiais específicos para aprendizagem de determinados conceitos, conteúdos, noções ou temáticas, que tornarão mais participativo e mais interativo o ato de aprender. Concebemos aprendizagem como um processo de produção de conhecimento, ativo, participativo, singularizado e compartilhado.

Os materiais didáticos estarão, necessariamente, ligados a uma concepção de aprendizagem. Sua forma e modo de utilização em sala de aula ou outros espaços educativos, identificam como se entende que se processa a aprendizagem. Compreendemos que a aprendizagem se dá através de um processo singular, em

que o sujeito é protagonista. Cada um constrói ou produz o seu conhecimento, de maneira ativa, participativa, operando a partir da esfera do desejo. De acordo com Akiko Santos (2003),

Ao assumir o conceito de aprendizagem como processo de construção interno de cada organismo através de seus órgãos sensoriais na interação com o meio, o educador otimiza as condições desta aprendizagem. A percepção em si só não é suficiente para gerar conhecimento; este é o resultado do diálogo que cada um estabelece, quer com os textos escolares, quer com a construção do professor e com as opiniões dos seus colegas. (SANTOS, 2003, p. 55)

Os materiais serão determinantes, por exemplo, da forma com que se dá a relação entre professor ou educador e aprendizes. Um material didático pode, inclusive, prescindir da atuação direta do educador. Um material também interferirá no nível de interação entre os sujeitos e entre os sujeitos e o conhecimento. Há materiais que estimulam a troca de experiências e há materiais que a impedem. Há materiais que se abrem a perspectivas múltiplas e includentes. E os há que se fecham sobre uma única forma de compreensão, excludente.

Para a concepção e criação de materiais didáticos que cooperem na produção de conhecimentos ativa e participativa é necessário planejamento e conhecimento, não só sobre a área de conhecimento em que serão utilizados, mas também sobre modos de aprender e sobre as relações que se dão no contexto da prática docente. É preciso ter consciência do que se quer e de como se entende que se processa a aprendizagem. Para Paulo Freire,

O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela [...] É uma busca permanente de si mesmo [...] Esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências. [...] A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos, caso contrário domesticamos, o que significa a negação da educação. (FREIRE, 1983, p.28-30, 32)

Um dos conceitos chave de nosso trabalho, já explicitado em publicações anteriores, mas que não pode deixar de ser mencionado novamente, é o conceito de objeto propositor. No livro “Mediação: provocações estéticas”, de 2005, Mirian Celeste Martins e um grupo de alunos do Curso de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP (MARTINS, 2005) expõem a concepção de objeto propositor, junto ao

resultado de elaboração prática de materiais para a aprendizagem em artes visuais, envolvendo diferentes níveis e modalidades de ensino.

Objetos propositores, para este grupo, são “suporte, aberto e múltiplo, para o desafio de promover encontros significativos com a arte e a cultura” (MARTINS, 2005, p.94). A artista inspiradora para a formulação deste conceito é Lygia Clark, que em determinado momento de sua trajetória, na década de 1970, passou a se denominar como propositora e não mais como artista.

Os objetos propositores serão criações dos educadores que levarão em conta a necessidade de abarcar a multiplicidade e a diferença. Se tivermos como referência as ações e proposições de Lygia Clark, atuaremos na intenção de criar condições para que cada aprendiz se aproprie do seu processo de produção de conhecimento, deixando espaço para aquilo que constitui a subjetividade de cada um.

Ampliando o conceito de objeto propositor, temos a contribuição de Tatiana Fernández e Belidson Dias, que nos apresentam a ideia de Objetos de aprendizagem poéticos (OAP). Os OAP são concebidos como meio de desterritorialização de uma concepção de educação inserida na formação do conceito de Objeto de aprendizagem – OA. Há uma reversão da ideia inicial de Objetos de aprendizagem, ao posicioná-lo num território poético, transformando-o. Conforme os autores, referenciados no pensamento de Deleuze e Guattari,

Em conexão com as ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2007) sobre os agenciamentos maquínicos, apresentamos os Objetos de Aprendizagem Poéticos (OAP), como máquinas para construir territórios de subjetivação em contextos de educação. Trata-se da apropriação da concepção de Objetos de Aprendizagem (OA), que aparece no começo do século XXI na literatura associada, por uma parte, ao uso de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação, geralmente por pesquisadores do campo das mídias digitais, tecnologia e educação; e por outra, ao discurso da denominada Economia da Aprendizagem (*Learning Economy*). (FERNÁNDEZ e DIAS, 2015, p.2)

Os Objetos de aprendizagem, cujo surgimento está ligado à utilização de tecnologias da informação e comunicação na educação, inicialmente correspondem a uma visão mecanicista e econômica da aprendizagem, podendo "ser instrumentos de hegemonização na educação, enquanto os OAP apontam processos de

singularização que conduzem à pluralidade, ocupando o espaço conceitual da educação e da arte por caminhos invisibilizados” (Idem). Ou seja:

Os OAP são, portanto, objetos especialmente pensados para reinventar e reconstruir conhecimento que continua a se transformar. Isso significa provocar novas formas de pensar e se relacionar com os conhecimentos. Assim, pensar na construção de OAP já é, em si mesmo, um ato poético que exige pensar nas dimensões em que acontece a experiência estética e pedagógica. (FERNÁNDEZ e DIAS, 2015, p.9)

Os Objetos de aprendizagem poéticos, como dispositivos sensíveis, provocam encontros e novos agenciamentos entre os sujeitos, os objetos, os espaços, os processos e resultados das aprendizagens. Abrem-se ao inusitado, possibilitam contágios, contaminações e hibridações, que, por sua vez, podem mudar as formas de aprender e conhecer (FERNÁNDEZ e DIAS, 2015).

Sob a perspectiva dessas contribuições conceituais, entendemos que a ideia de material didático se restringe e, ao mesmo tempo, se alarga. Restringe-se no sentido de que não se trata de “qualquer coisa”. É material especialmente criado, com determinado objetivo, elaborado com muito planejamento e com certas características ou atributos que têm relação com uma concepção de aprendizagem. Alarga-se no sentido de que inclui a dimensão poética, que faz do professor ou educador um proponente de experiências de aprendizagem, em que haverá trocas, descobertas, interações e criação. Serão motores da transformação do conhecimento, participando dos processos de subjetivação dos sujeitos envolvidos.

Para alavancar a construção de materiais didáticos poéticos, lançamos mão da experiência ou do contato com certas proposições artísticas. Nosso objeto de estudo são produções visuais, da arte ou da cultura visual, onde encontramos farto manancial de referência para o tipo de material que desejamos produzir.

De que tipo de proposições artísticas lançamos mão?

Além de abordar conceitos teóricos importantes para nossa compreensão sobre certo tipo de material didático para Artes Visuais, sentimos necessidade de buscar contato com algumas proposições artísticas, para utilizá-las também como referências da pesquisa. Proposições feitas por artistas podem ser modos de ativação poética do pensamento, já que estamos na área de Artes Visuais.

O trabalho de educadores em Artes Visuais pode transpor concepções fechadas e repetidamente instituídas e pode ganhar dimensão poética. Entendemos que o professor de artes visuais, além de ser um propositor, é um produtor de ações artísticas. Sendo a arte a matéria de seu trabalho, estará presente em suas propostas e em seus materiais de trabalho, a potência da criação artística, que é sempre abertura ao inusitado, ao inesperado, ao informe. Sua atuação poderá ser poética e as experiências de aprendizagem por ele propostas poderão ser experiências artísticas de aprendizagem.

Várias proposições de artistas, na contemporaneidade, nos convocam a participar, a fazer parte da obra, a compartilhar a autoria ou até a produzir algo. E também alguns artistas anteriores ao que chamamos de contemporaneidade, nas artes. Como já referido, em relação ao conceito de objeto propositor, Lygia Clark foi uma das pioneiras, no Brasil. Neste sentido, de contribuir para com a reflexão e produção de objetos propositores ou objetos de aprendizagem poéticos, buscamos ampliar referenciais na arte contemporânea.

Marina Pereira de Menezes defende a ideia de que a arte contemporânea seja o fundamento para o Ensino de Artes. O contato com obras contemporâneas produz aberturas para a pluralidade e para práticas reflexivas e relacionais. Conforme a autora:

A arte contemporânea, caracterizada pela experimentação, abertura, multiplicidade de meios e processos e liberdade de experimentações, se trabalhada nas aulas de artes não apenas como conteúdo, mas como pensamento e princípio, ou seja, como fundamento, acarretaria novas posturas metodológicas, práticas e propostas; novos pensamentos e visões de professor sobre ensinar arte – e certamente promoveria interpretações, questões e realizações diferenciadas por parte dos alunos. (MENEZES, 2007, p.23)

A arte contemporânea pode ser vista não apenas como conteúdo das aulas de artes visuais, mas também como forma de trabalho, como mote para a proposição de materiais e de situações de aprendizagem. Para a produção de materiais didáticos poéticos, que dialoguem com as questões do mundo atual e de interesse dos estudantes, como também com os conhecimentos da área, a arte contemporânea tem muito a oferecer. Para nosso interesse em produzir materiais que participem de situações de interação entre os sujeitos e entre os sujeitos e o conhecimento, muito

podemos aprender com proposições artísticas contemporâneas. Há muitos artistas interessados em produzir formas de relação com o público, que deixa de ser espectador, para se tornar participante e cocriador da obra.

Já apresentamos em publicação anterior¹, o trabalho Polvo (2000)² e o trabalho Máquina de desenhar (2008)³, de Michel Groisman, que são espécies de jogos propostos a grupos de pessoas e através dos quais se dará uma experiência de troca de afetos e provocadora de reflexões sobre corpo, espaço, modos de relação entre corpos e sobre convivência. Apontamos que esse modo de operar do artista, interessado em propor uma situação vivencial, na relação entre sujeitos, aberta ao inusitado, ao inesperado, lúdica e prazerosa, pode sugerir modos de construção de materiais poéticos para uso educativo.

Outro trabalho que tem nos interessado, é o projeto Cartogravistas de céus: proposições para compartilhamentos, de Duda Gonçalves, em curso de 2007 a 2011, ano de defesa de tese de doutoramento em artes visuais, com pesquisa de mesmo título. A artista declara, em sua tese, estar interessada na produção de outro olhar sobre vistas e registros do céu, relacionando imagens, textos, cartões, adesivos e outros elementos obtidos através de compartilhamentos e trocas com outras pessoas. Os conceitos de proposição e compartilhamento são de interesse central em sua pesquisa, resultando em mapeamentos e invenção de modos de exposição e de circulação do trabalho. A artista também realiza compartilhamentos através das exposições, por meio de dispositivos especialmente criados com este fim, chamados de observatórios (Figura 1).

O trabalho opera por projetos propositivos, que incluem partilhas do processo de criação e distribuição, além de circulação. Não é apenas exposto para apreciação. É realizado a partir de colaborações e, posteriormente, é oferecido aos participantes da exposição.

A artista cria, além dos dispositivos de distribuição e circulação, alguns elementos a serem utilizados previamente à execução dos próprios objetos expostos, tais como os cartões de vista ou os cartões de vista mirante, que têm um furinho através do qual se pode observar a vista (Figura 2).

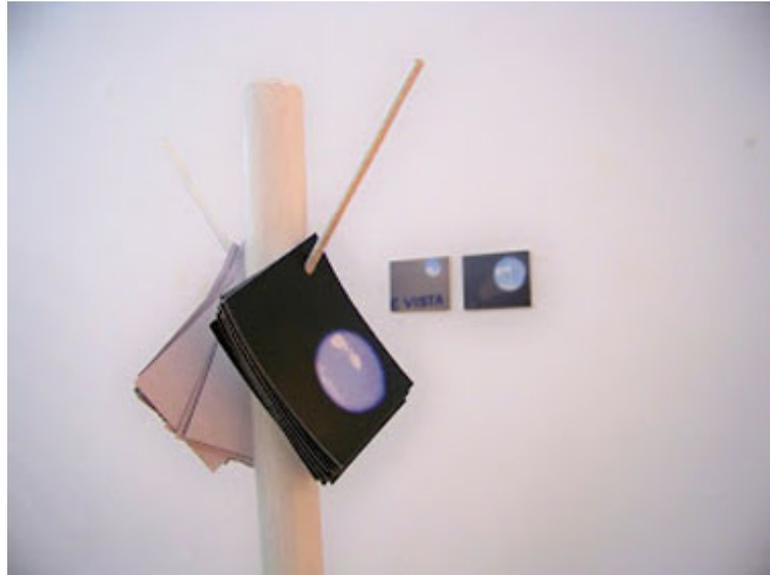


Figura 1: Duda Gonçalves. Dispositivo de compartilhamento de cartões, em exposição realizada em 2011.

Fonte: <<http://cartogravistas.blogspot.com.br/>>. Acesso em 18 de abril de 2018.



Figura 2: Duda Gonçalves. Cartões de vista mirante. 2008.

Fonte: GONÇALVES, 2011, p. 147.

Esses cartões são elementos que possibilitam e facilitam a interação entre sujeitos, de forma direta, inserida no cotidiano. E a obra se produz no acontecimento de uma experiência compartilhada. Para a artista, “os cartões de vista enfatizam a proposição para compartilhamento” (GONÇALVES, 2011, p. 112). Conforme Eduarda Gonçalves:

A forma de apresentação da obra em cartões, envelopes, bilhetes, possibilita que a produção circule pelas vias da comunicação cotidiana, afetando sujeitos e lugares da arte e não-arte com menos

fixidez, uma vez que a interlocução entre artista-obra-espectador acontece em meio a uma conversa, numa correspondência lida na sala da casa, na esquina de uma rua, durante um gesto doméstico. A obra acontece de uma maneira branda, sem a aura de consagração conferida pelos lugares da arte, todavia, mais eloqüente, provocativa, insinuante, expansiva. Isso porque desvia da recorrência rotineira, implicando uma experiência da arte aos que a freqüentam e aos que nunca a freqüentariam. (GONÇALVES, 2008, p.1701)

Já os observatórios operam de outra maneira: “As gavetas e os observatórios que guardam e disponibilizam as vistas no espaço expositivo, são dispositivos de uma partilha mais intimista do que os cartões. As pessoas têm que abri-las para cotejá-las...” (GONÇALVES, 2011, p.112) (Figura 3).



Figura 3: Duda Gonçalves. Gavetas com vistas do céu, na exposição Cartogravistas Celestes, 2006.
 Fonte: GONÇALVES, 2011, p. 43.

Um desdobramento dessa proposta de compartilhamento e criação de dispositivos para tal é a proposição Dispositivo ambulante para conversar, comer e desenhar observando a vista, que foi realizada no Campus Central da UFRGS, em 2011. A proposta fez parte do projeto Diálogos abertos: perdidos no espaço, coordenado por Maria Ivone dos Santos. Esse objeto propositor trata-se de uma espécie de carrinho que disponibiliza materiais para desenhar, observar e comer, observando a vista. Ele se desloca pelo espaço público, convidando os transeuntes a usufruírem do que tem a oferecer (Figura 4).

Essa proposta se aproxima muito do conceito de objeto propositor e de objeto propositor poético, centrais nesta investigação. É um constructo que ativa o contato entre pessoas e o uso de elementos propositores de ações e partilhas. O objeto vai até onde as pessoas estão e se abre a experimentações. Esse tipo de proposta interessa muito a quem pensar em produzir materiais didáticos poéticos para artes visuais.



Figura 4: Duda Gonçalves e Alice Monsell. Dispositivo ambulante para desenhar, observar e comer observando a vista. 2011.

Fonte: <<http://cartogravistas.blogspot.com.br/>>. Acesso em 18 de abril de 2018.

No dispositivo ambulante estão contidos cartões de vista mirantes especialmente feitos para esse projeto (Figura 5). Os cartões de vista mirante, dependendo da proposta, contém alguma imagem anterior ou estão em branco. Podem também conter uma frase. Esses cartões vão se transformando no decorrer do processo do trabalho.

O Ensino de Artes Visuais na Educação Básica, de maneira geral, carece de aproximar as práticas de sala de aula a processos poéticos e artísticos. Vemos em trabalhos artísticos contemporâneos, como na proposta de Eduarda Gonçalves, possibilidades de realizar diálogos, de apropriação de modos de relação entre sujeitos para realizar ações poéticas e partilhas de conhecimento.



Figura 5: Duda Gonçalves. Cartão de vista mirante do Dispositivo ambulante para desenhar, observar e comer observando a vista. 2011.

Fonte: <<http://cartogravistas.blogspot.com.br/>>. Acesso em 18 de abril de 2018.

A criação de materiais didáticos como ato poético

A produção de materiais didáticos, com e sem uso de tecnologias, se insere em várias ações ligadas ao projeto. Um dos espaços onde ocorre é uma disciplina de curso de Licenciatura em Artes Visuais, chamada Laboratório de Construção de Material Didático. Há, também, um projeto de extensão denominado Núcleo de criação de objetos de aprendizagem para artes visuais – NOA, que agrega estudantes de graduação e professores interessados nesse tipo de produção e reflexão. Também se dá através da orientação a pesquisadores de Iniciação científica e de pesquisas de Trabalhos de conclusão de curso.

Em todas as situações se pretende fomentar a discussão sobre os conceitos que nos ajudam a pensar material didático em nossa área, bem como exercitar e experimentar possibilidades de concepção, criação, uso e avaliação de objetos de aprendizagem. Faz parte desses processos a busca pela articulação entre pensamento pedagógico e dimensão poética.

Entendemos que a atuação do professor será ato poético, quando pensamento poético colocado em ato. O fato de intencionar construir objetos para serem utilizados em situações de aprendizagem a partir dessa perspectiva já impregna esse agir de outro caráter, destacado do ordinário, diferente daquilo que sempre se repete na ação pedagógica.

Em relação à necessidade da presença da arte contemporânea nas práticas educativas em artes visuais, nos faz refletir Mônica Oliveira, em sua obra *A arte contemporânea para uma pedagogia crítica* (2015):

A arte contemporânea proporciona aos estudantes situações diversificadas e pode causar o “estranhamento” capaz de os levar a refletir sobre a arte, sobre o mundo e sobre o seu papel na sociedade. Trabalhar com a arte contemporânea é promover também um contacto mais direto com a realidade, mais próximo do tempo e do espaço dos estudantes. Produções artísticas contemporâneas abrangem a percepção das relações de espaço, tempo, materiais e corpo da obra, o que muitas vezes envolve também o corpo dos espectadores. (OLIVEIRA, 2015, p. 32)

Mônica Oliveira defende a ideia de que a arte contemporânea não é só conteúdo a ser visto. Mas que há uma contribuição em relação a reflexões e ações que tomam como assunto questões próximas do cotidiano e em relação a formas de atuação consciente sobre a realidade. Diz a autora que “é necessário analisar a relevância duma articulação entre a arte contemporânea e a educação, orientada para a visualidade atual, de acordo com a dimensão social e cultural do mundo em que vivemos” (OLIVEIRA, 2015, p.66). É preciso pensar de que modo se pode operar a articulação entre arte contemporânea e educação. A criação de materiais de trabalho referenciada em fazeres artísticos e calcada na ideia de trabalho poético pode dar conta de uma parte dessa relação.

Transformar as teorias e práticas pedagógicas implica indagar e refazer o modo como estas se (des)articulam ou (re)forçam entre si. As atividades artísticas e educativas são indissociáveis e fazem parte de um mesmo projeto: questionar e melhorar a qualidade da ação educativa que comportam duas componentes – a conceitual e a experiencial – e cuja integração resulta no que podemos designar como praxis [...]. Sempre que um profissional da educação regula a sua ação, as duas atividades fundem-se numa só, tornando-se praticamente indistinguíveis do ponto de vista epistemológico. (OLIVEIRA, 2015, p. 68)

A criação de materiais didáticos articulada à produção artística contemporânea, a colaborarem nas situações de aprendizagem sobre arte e sobre múltiplos assuntos e conhecimentos que interessam à humanidade, significa transformar o modo de ser professor, de ser estudante, de ser aula, de ser ensino de artes visuais. Interessamos pensar em materiais que tenham essa dimensão e essa intencionalidade.

Conclusão

Esta pesquisa é continuidade de um percurso iniciado em 2009, com desdobramentos e produções em variados campos de atuação, articulando pesquisa, ensino e extensão. Além de produzir materiais, se tem a intenção de discutir a concepção e uso de materiais didáticos em Artes Visuais. Essa discussão tem como pano de fundo a questão da aprendizagem em artes visuais.

Em nossa abordagem, por materiais que tenham caráter poético, buscamos pautar nossas ações e reflexões em alguns conceitos propulsores, tais como: Objeto propositor e Objeto de aprendizagem poético. Temos sentido a necessidade de ampliar nossos referenciais na arte contemporânea, buscando produções em que os artistas são propositores de situações vivenciais, proporcionando relações entre os sujeitos que interagem com as obras. Tem-se o objetivo de direcionar as próximas produções nesta perspectiva: a de realizar articulações e relações mais profícuas entre os materiais didáticos e certas proposições de arte contemporânea, no intuito de conceber objetos propositores poéticos.

Entendemos que uma das funções do educador é produzir objetos propositores, desencadeadores de processos de criação e pensamento singulares com os estudantes dos diversos níveis da educação. Pretendemos abrir novas possibilidades de interação, de partilhas, de ampliação de conhecimentos e de trocas significativas. Temos consciência da responsabilidade dos educadores em contribuir efetivamente para a transformação de práticas pedagógicas cristalizadas para práticas mais condizentes com uma concepção de aprendizagem participativa, num ambiente colaborativo, em que cada um é sujeito de sua própria aprendizagem, intermediada pelas ações, propostas e materiais de trabalho feitos com qualidade.

Notas

¹ Anais do 26º Encontro Nacional da ANPAP, realizado em 2017. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2017/>>. Acesso em: 30/04/2018.

² Disponível em: <<http://cargocollective.com/michelgroisman/Polvo>>. Acesso em: 30/04/2018.

³ Disponível em: <<http://cargocollective.com/michelgroisman/filter/jogo/Maquina-de-desenhar>>. Acesso em: 30/04/2018.

Referências

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. *Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação*. Santa Maria/RS: Anais do 24º Encontro Nacional da ANPAP, 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, Eduarda Azevedo. *Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos*. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

MARTINS, Mirian Celeste (org). *Mediação: Provocações Estéticas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. V.1, n.1, outubro de 2005.

MENEZES, Marina Pereira de. *A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes*. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-Graduação em Artes, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Mônica. *A arte contemporânea para uma pedagogia crítica*. Porto, Portugal: APECV, 2015.

SALAS, Marlene Ramírez. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis*. Duque de Caxias/RJ: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades – UNIGRANRIO, V. VIII, nº XXX, jul-set de 2009. Disponível em URL: <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/653>

SANTOS, Akiko. *Didática sob a ótica do pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

TOMLINSON, Brian. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis*. Duque de Caxias/RJ: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades – UNIGRANRIO, V. VIII, nº XXX, jul-set de 2009. Disponível em URL: <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/653>

Andrea Hofstaetter

Doutora (2009) e Mestre (2000) em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica pelo PPGAV / IA / UFRGS; Licenciada em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas pela FEEVALE, NH, em 1994. Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais, IA, UFRGS. Integrante do GEARTE - Grupo de Pesquisa em Educação e Arte, FACED/UFRGS. Pós-doutoranda FACED/UFRGS.